

O AUTO-RETRATO FOTOGRÁFICO COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL

Evelyn Ruman ¹ e Virgínia Baglini ²

“... a Fotografia é o aparecimento de eu próprio como outro, uma dissociação artificiosa da consciência de identidade”³

Apresentamos um recorte do trabalho fotográfico de EVELYN RUMAN que desenvolveu oficinas de auto-retrato com mulheres e adolescentes no Chile (1993-95 e 1997) e Brasil (1999-2000) ⁴. Quando utilizada como instrumento de intervenção psicossocial, a produção da auto-imagem tem o propósito de reabilitar a auto-estima e a confiança das mulheres e adolescentes internas em instituições de reabilitação social e ampliar a percepção que elas têm de si mesmas. De um modo geral, tanto este trabalho como as produções de auto-retrato da última década constituem um campo de representações que revela, especialmente, no cenário das grandes metrópoles, um processo contínuo de fragmentação do indivíduo ⁵. O auto-retrato problematiza a busca de sentido na experiência do cotidiano nos grandes centros à medida que coloca a possibilidade da desconstrução e construção de personagens como *“meio ver-se a si mesmo, [que] à escala da história, é um ato recente”* (BARTHES, 1989:28).

CANTON (1999:68) esclarece que, enquanto no Renascimento havia uma procura pelo registro de pessoas e famílias de forma popularizada, no final do século 19 ocorre uma *“...liberação da busca da verossimilhança da imagem humana, e as novas pesquisas trazidas pelo pós impressionismo e,*

¹ Fotógrafa e Socióloga

² Mestre em Sociologia – PUC São Paulo.

³ BARTHES (1989 : 28).

⁴ Além de mulheres e meninas, Ruman desenvolveu trabalhos com meninos com Síndrome de Down, no Colégio Integrado de Santiago do Chile (1996) e com pacientes do Centro de Atenção Psicossocial – Caps Professor Luiz da Rocha Serqueira - São Paulo (1999/2000). Atualmente desenvolve oficinas com público da terceira idade no Sesc Pompéia – São Paulo.

⁵ Uma mostra da produção do auto-retrato desde o final do século 19 e início do 21 foi apresentada na Exposição *“Auto-retrato: espelho de artista”*, na Galeria do SESI, Centro Cultural FIESP & MAC Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (mar./jul. de 2001). Para uma análise mais aprofundada de alguns dos trabalhos expostos ver CANTON (2000).

posteriormente, pelo cubismo na primeira década de 1920, o retrato e o auto-retrato readquirem força e comportam formas e conceitos inovadores". O auto-retrato não se configura apenas como uma representação narcísica, mas como uma forma de representação da própria identidade, incluído aí o próprio estranhamento característico do homem contemporâneo, que pode ser ilustrado na sensação de se olhar no espelho sem ser reconhecido. Trata-se de uma situação marcada por transformações em diferentes níveis, inclusive na estrutura do sentimento, em um processo contínuo de fragmentação do contexto urbano e das paisagens culturais que invade o século XXI. Como explica STUART HALL (2000:9), "(...) estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma crise de identidade para o indivíduo". No contexto da construção do conhecimento, esse conjunto de transformações que afeta o modo de vida do homem contemporâneo assume, para alguns pensadores, contornos de um novo paradigma diante da falência do projeto modernista, este fundado no avanço tecnológico, como possibilidade de autonomia e de liberdade humana, e que caiu por terra, especialmente, com a experiência das duas grandes guerras. A esse estado de coisas, em que impera a maleabilidade das aparências, em que a sociedade já não se conforma apenas por uma disciplina estratificada entre classes, para alguns, trata-se da passagem para a pós-modernidade. Ao contrário, DAVID HARVEY (1994) reconhece o pós-modernismo como uma condição histórica, cujas mudanças não indicam o surgimento de uma nova sociedade, seja pós-capitalista ou pós-industrial, mas sim transformações superficiais no modo de organização do capitalismo e uma forte desestabilização econômica, política e cultural. Essas transformações nos grandes centros e as interferências no cotidiano do homem urbano já eram discutidas na década de 70 por RABAN acerca de Londres quando anunciava que "(...) as próprias qualidades plásticas que fazem da grande cidade o liberador da identidade humana também a tornam especialmente vulnerável à psicose e

ao *pesadelo totalitário*”⁶. Pode-se dizer que esse cenário está representado na produção recente do auto-retrato, quando na captação de auto-imagens investiga-se a busca de sentido em meio à fragmentação do indivíduo. É nesse contexto que está inscrita a produção do auto-retrato, com destaque para o trabalho de RUMAN.

A construção do auto-retrato fotográfico por mulheres e meninas reclusas

*“A fotografia ... detém o instante, permitindo uma indagação profunda e um observar-se sem evasões”*⁷

Os espaços institucionais de reabilitação social têm como uma das principais características a supressão da individualidade, obtida por mecanismos de opressão e do estabelecimento de padrões de conduta que impedem a capacidade de expressão da individualidade, em um processo crescente de homogeneização do grupo (RUMAN, 1999). E esses aspectos estiveram presentes nas oficinas de auto-retrato realizadas por RUMAN com mulheres e meninas internas no Chile (1993-97) e Brasil (1999-2000). No Chile o trabalho foi realizado em dois momentos: o primeiro ocorreu entre 1992-95 e envolveu mulheres esquizofrênicas internas no *Instituto Psiquiátrico Dr. José Howitz Barak*, e o segundo aconteceu em 1997 quando a fotógrafa trabalhou com meninas entre 10 e 17 anos internas no *Centro de Diagnósticos para Meninas em Risco Social*. No Brasil, a experiência de seu trabalho ocorreu pela primeira vez entre 1999 e 2000 na *Colônia Feminina do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Prof. André Teixeira Lima*, município de Franco da Rocha (antigo Manicômio Judiciário do Estado de São Paulo)⁸.

Nesse processo de trabalho a fotografia é compreendida como a “(...) *representação que mais se aproxima da realidade concreta. Por se tratar de um meio tangível e direto possibilitou uma aproximação desde o concreto. Não recorre à abstração, mas, sim, à imagem que, em alguns casos, reproduz a realidade material e psicológica; neste sentido, ela pode operar como*

⁶ RABAN, Jonathan apud HARVEY (1994 : 18).

⁷ RUMAN, 1999:4.

⁸ Este último trabalho foi exposto no Museu da Imagem e do Som: “*Quando vejo sou vista*”, como parte da Exposição: “*A mulher não existe. Existe?*” (2 de maio a 1 de julho, 2001).

instrumento psicossocial, quer produzindo, talvez, mudanças” (RUMAN, 1999:4). Considerando o contexto das instituições de reabilitação social e as precárias condições materiais e socioculturais em que se encontravam as mulheres e adolescentes, a hipótese de que o trabalho fotográfico permite criar mecanismos de reconstrução da identidade e da auto-estima foi confirmada entre as internas, já que elas encontraram impulsos de resguardo da identidade (RUMAN, 1999:1). Em um contexto privado de individualidade, as internas passaram a revelar suas próprias emoções à medida que representavam seus sentimentos por meio de cores num suporte material – a própria fotografia –, num processo de dar visibilidade à sua pessoa. E sobre a experiência em Franco da Rocha, ficou evidente que: *“Quando elas se deram conta de que podiam modificar alguma coisa em suas vidas, começando pelo reconhecimento do corpo e das feições, começou a haver uma recuperação da vaidade e da feminilidade. Muitas começaram a pedir batom, cortar melhor o cabelo e tomar mais banho”*⁹.

Antes de mais nada, o trabalho realizado requer um espaço de tempo que permita a aproximação entre fotógrafo e os atores envolvidos. Também, pelo fato de as internas apresentarem algum tipo de comprometimento psicológico/psicomotor ou mesmo pela falta de intimidade com a máquina fotográfica, as sessões de auto-retrato foram realizadas por RUMAN, que posteriormente entregava as fotografias para as internas. A partir daí, elas faziam as intervenções no suporte fotográfico utilizando material de pintura e desenho, com o objetivo de trabalhar as sensações e os sentimentos em um processo de associação entre cores e emoções. Nesse trabalho de devolução estabelecido entre fotógrafa e internas, estas *“(...) trabalham com a materialidade na qual podem intervir, e nesse processo modificam suas próprias atitudes. A possibilidade de guardar seus retratos no final do processo lhes permite voltar constantemente a essa identidade recuperada”* (RUMAN, 1999:4).

O trabalho com o auto-retrato apresentou às internas a possibilidade de identificar e reconhecer as próprias condições iniciais, projetar e consolidar mudanças a partir daí, em um processo constante de construção da identidade

⁹ Folha de São Paulo. Página Especial 1, de 02/05/2001. Entrevista de Evelyn Ruman concedida a Eder Chiodetto.

e de resguardo da individualidade, fortalecendo sua posição no grupo. Com diferentes graus de dificuldade, as três experiências vividas alcançaram êxito. E entre vários aspectos, ressaltamos o processo de transformação das emoções ‘do espanto à calma’ no trabalho realizado com mulheres esquizofrênicas no Chile (CONJUNTO DE FOTOS - 1). Entre as adolescentes, chamou a atenção a ‘preocupação estética singular’ (CONJUNTO DE FOTOS - 2); e com as mulheres brasileiras, um processo crescente de valorização individual, em contraponto à situação inicial de depressão profunda (foto - 3) ¹⁰.

O auto-retrato como ‘preservação do Self’ ¹¹

“Para a mulher, a fome pode surgir a qualquer hora, vinda de qualquer lugar, até mesmo da sua própria cultura” ¹².

A discussão que envolve o homem contemporâneo que vive nos grandes centros – o papel que desempenha e o espaço que ocupa, em meio à crise de identidade que o cerca – está contemplada no trabalho de resgate da auto-estima realizado com as mulheres e adolescentes, e por isso trata-se de uma experiência subjetiva da vida cotidiana, o que permitiria um aprofundamento do tema nos moldes fenomenológicos. E para tratar de uma experiência subjetiva do cotidiano, tomamos de empréstimo a premissa de que a vida cotidiana “(...) *apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente.(...) O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem em suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles*” (BERGER & LUCKMANN, 1985:35-36). As experiências cotidianas conjugam assim diferentes significações, sendo a linguagem o meio pelo qual as pessoas constróem suas interpretações, descrevem, explicam e objetivam os significados sobre os fenômenos que estão à sua volta. Entretanto, ao tratar de instituições

¹⁰ As três fotos estão apresentadas na seção seguinte, seguidas de alguns comentários.

¹¹ A expressão ‘preservação do Self’ foi utilizada por ÉSTES (1996:269) ao tratar do processo de perda e resgate dos instintos pelas mulheres como um fator de preservação do próprio ser.

¹² ÉSTES, 1996: 289.

de reabilitação social, está em jogo uma população vulnerável dadas as condições de saúde e de tratamento, a presença constante de trocas de favores definidas, geralmente, por relações autoritárias, sem falar no processo de perda da identidade diante do grupo. Nesse cenário, o uso da linguagem fotográfica por meio da construção da auto-imagem configura-se em um *locus* da expressão dos significados da vida cotidiana das internas – suas aspirações, atitudes, crenças, normas e valores. Nessa construção, as pessoas não se colocam de forma isolada, mas em constante interação em que se pode perceber o repertório próprio de uma época, as práticas convencionais, as crenças mais cristalizadas, como também os aspectos singulares que são indicadores de transformações, sejam eles pessoais ou sociais. Para um aprofundamento maior seria necessário revelar desde o repertório histórico–cultural de uma ou várias épocas que circula na vida cotidiana e povoa o imaginário social nessas instituições; o contexto das experiências pessoais, além do momento único de interação entre fotógrafa e internas. Mas, o importante é reconhecer que o processo de intervenção do auto-retrato permite objetivar um posicionamento diante das situações vividas na instituição, no grupo e, principalmente, diante de si mesmas. Enquanto linguagem, o auto-retrato constitui-se em uma prática social, num esforço da pessoa em dar sentido ao mundo, em uma ‘teia de relações humanas’ em que interagem atores com diferentes interesses, saberes e experiências – nesse caso, fotógrafa, internas, agentes e mediadores relacionados às instituições de reabilitação.

Assim, diante do contexto opressivo e homogeneizador, quase universal, das instituições que se pretendem ‘reabilitadoras’, podemos observar que as internas registraram no suporte fotográfico o sentido de sua condição e, especialmente, a possibilidade de mudança.

Alguns sentidos do auto-retrato

“Uma imagem: a minha imagem - vai nascer”¹³

¹³ BARTHES, 1989.

Enquanto resultado de um processo, as fotos colocam à mostra o sentido de ver-se a si mesma, de dar visibilidade à própria pessoa em um movimento de identificação desde as condições iniciais/atuais de existência (que já sabemos de antemão) até a possibilidade da mudança. Ao mesmo tempo em que se constrói um personagem, como a colocação de uma máscara pela utilização do material plástico utilizado na intervenção do auto-retrato, trata-se, antes, de se posicionar diante de si mesma e do grupo.

CONJUNTO DE FOTOS > 1. Do espanto à calma



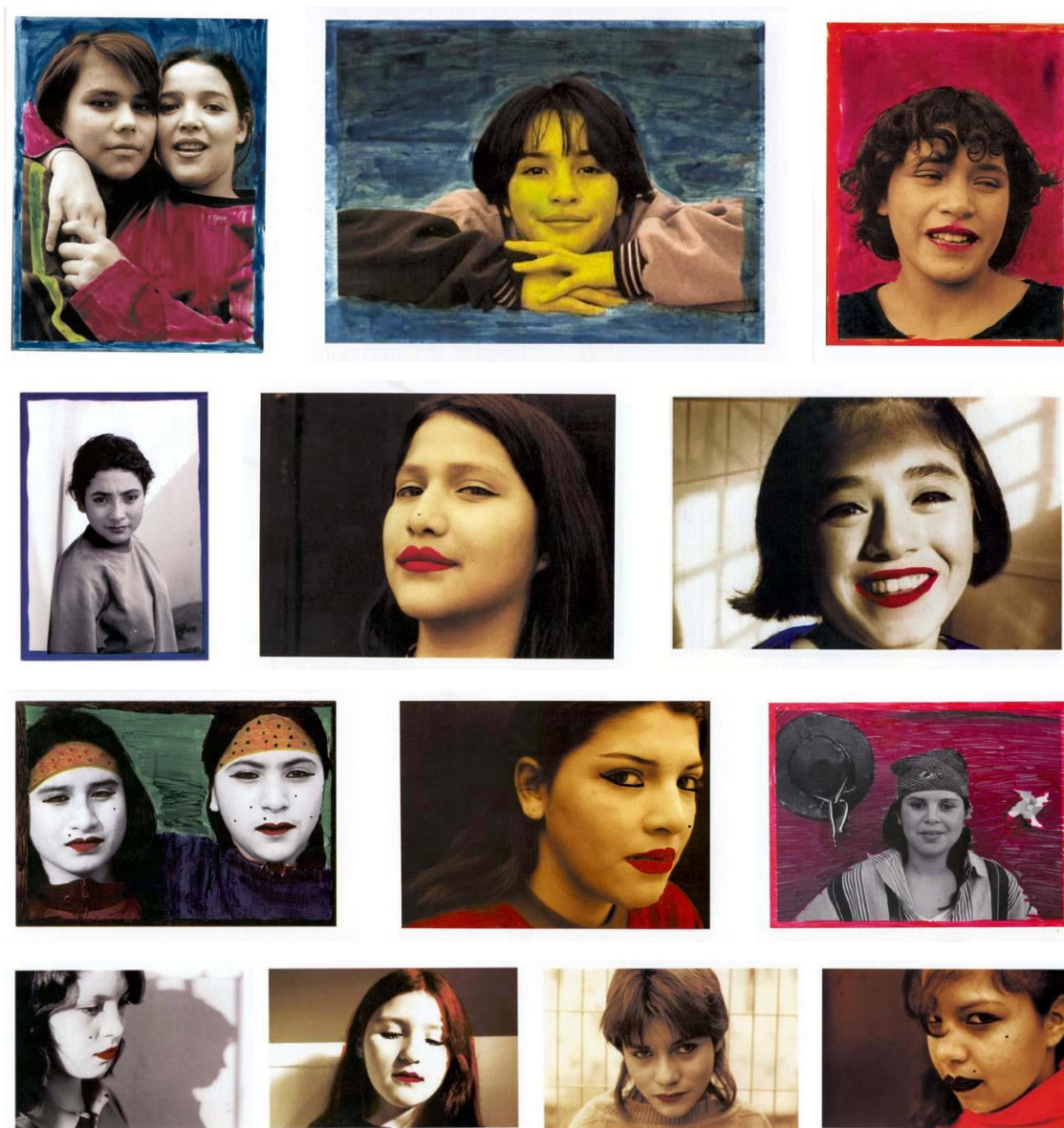
Instituto Psiquiátrico Dr. José Howitz Barak - Santiago do Chile, 1993-95 14.

A expressão do '*do espanto à calma*' traduz o resultado do trabalho com as mulheres esquizofrênicas nesse Instituto (RUMAN, 1999:1). Nesse caso, as mulheres costumavam manter a auto-imagem do momento da internação, e o processo de deterioração que sempre acompanha a reclusão acabava por propiciar um desconhecimento/estranhamento de si mesmas. Daí a intervenção no auto-retrato com o sentido de '*ruptura e transmutação de emoções*' que

¹⁴ RUMAN, 1998.

permitiu um enfrentamento com a condição de apatia ou de agressividade. Nesse enfrentamento, destaca-se a possibilidade de reinserção social e laboral que esse processo propiciou a algumas internas.

CONJUNTO DE FOTOS > 2. Preocupação estética singular



Centro de Diagnósticos para Meninas em Risco Social - Santiago do Chile, 1997 15.

Meninas reclusas entre 10 e 17 anos de idade, condicionadas às regras de sociabilidade de um centro de reabilitação social, vulneráveis às relações de risco e, muitas vezes, violentas que envolvem o uso de droga e a vivência da

¹⁵ RUMAN, 1998.

sexualidade. Este foi o cenário encontrado pela fotógrafa ao trabalhar com as adolescentes chilenas, em que se pôde observar uma auto-estima bastante deteriorada do grupo (RUMAN, 1999:3). Mas uma preocupação singular com a estética sinaliza o sentido do auto-retrato como um instrumento de ver-se a si mesma na perspectiva de uma mudança. A preocupação estética ficou evidente: “(...) *delinearam seus olhos, ressaltaram seus lábios e na maioria das vezes reclamaram que poderiam ter ficado mais bonitas*” (op. cit:3).

Bibliografia

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 1989. 172p.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. Os fundamentos da vida cotidiana. In: _____. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes. p. 35-68.

CANTON, Kátia. 2000. Auto – Retrato. In: NOVÍSSIMA Arte Brasileira – Um Guia de Tendências. São Paulo: MAC – Universidade de São Paulo; Iluminuras, 2000.

CANTON, Kátia. O espelho está torto. **Revista Bravo!** São Paulo, v.1, n.2, p. 72-3, 1997.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. A preservação do Self: a identificação de armadilhas, arapucas e iscas envenenadas. In: _____. **Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p.269-320. (Coleção Arco do Tempo)

Folha de São Paulo. Página Especial. 02/05/2001. (Entrevista com a fotógrafa Evelyn Ruman concedida a Eder Chiodeto).

GIDDENS, Anthony. **As transformações da intimidade, sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Unesp. 1993.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1994. 349p.

MOREIRA, Regis. Portfolio. **Revista Studium**, n.5. 2001. Disponível em: www.studium.iar.unicamp.br/

RUMAN, Evelyn. **Autoimagem marginal: fotografias de Evelyn Ruman, 1993 – 1997**. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 1998. (Colección Mal de Ojo)

RUMAN, Evelyn. **Estudo da Recuperação da auto - estima e reintegração de identidade para mulheres em processo de reabilitação, ou não, portadoras, ou não, de deficiência física e ou mental, utilizando a fotografia como instrumento de intervenção psico - social**. São Paulo. (mimeo), 1999. 5p.

SISCHY, Ingrid. Self- portraits in photography. In: BARROW, Thomas F.; ARMITTAGE, Shelley; TYLLMAN, William E. **Reading into photography**: select essays: 1959-1980. Albuquerque: University of Mexico, 1982. 256p. p. 237-245.